

**METRÓPOLE DO RIO DE JANEIRO: A CONDIÇÃO DE TRABALHO DO  
PESCADOR ARTESANAL NA BAÍA DE GUANABARA**

Beatriz Oliveira Cruz  
Bolsista PIBIC/UERJ-FFP  
beatriz.ocruz@gmail.com

Rhanna Cristina das Chagas Leoncio  
Bolsista CETREINA/UERJ-FFP  
rhanna\_leoncio@ig.com.br

**Introdução**

A Baía de Guanabara é localizada na metrópole do Rio de Janeiro, margeando as regiões metropolitanas das cidades do Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo, Magé, Itaboraí, entre outras.



Baía de Guanabara - Fonte: Grupo de Pesquisa Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas.

Ao longo da história, as áreas costeiras foram de grande atração para a ocupação. Essa progressiva ocupação, acelerada ao longo das últimas décadas, tem

Eixo Temático 2 – Litoral Urbano: apropriação, usos e conflitos

gerado conflitos entre a preservação e o desenvolvimento, de acordo com a industrialização e a urbanização. Sendo que, esse crescimento não é acompanhado por um planejamento adequado, causando mudanças nas características naturais do meio e o comprometimento da qualidade do ecossistema.

Além das modificações físicas nos ecossistemas, a falta de saneamento em parte da região e de medidas de controle sobre os poluentes industriais transformou a Baía de Guanabara num verdadeiro receptor de poluentes. Com isso, houve um comprometimento da qualidade dos recursos naturais ali encontrados, sendo considerado um dos ambientes mais degradados do país.

Assim, a Baía de Guanabara vem passando por um processo intenso de múltiplos usos e de vários agentes. No que se refere à indústria petroquímica, desde 2007 vem acontecendo um novo processo de reestruturação produtiva, com a criação do terminal de gás liquefeito nas Ilhas Redonda e Comprida, a expansão da REDUC e a construção do COMPERJ. Quilômetros de dutos foram e estão sendo construídos impactando o processo produtivo dos pescadores artesanais. Vale destacar ainda, na área de Niterói, a presença dos estaleiros de consertos e a navegação intensa de navios de grande porte. E não deixando para trás os pescadores artesanais presentes nessa área, que sofrem diretamente esses impactos.

Desta forma, busca-se compreender a crise da produção pesqueira e das condições precárias de trabalho dos pescadores na Baía de Guanabara, relacionando aos impactos da modernização nesta.

### **Baía de Guanabara: múltiplos usos**

No decorrer do desenvolvimento da história da pesca artesanal na região da Baía de Guanabara, tem sido vivenciado um intenso processo de ocupação dessa área, o que gerou e tem gerado conflitos decorrentes dessa heterogeneidade do espaço, pautados principalmente no ideal de modernização da indústria e urbanização das grandes metrópoles brasileiras. Esses conflitos associados ao não planejamento dos espaços costeiros têm levado ao “abafamento” das técnicas dos pescadores artesanais da região e mudança na natureza dos meios de reprodução da vida do pescador.

Daí surge a pergunta, qual o limite para o entrelaçamento dos circuitos? Até que ponto um circuito produtivo é mais relevante ou importante que outro?

Em sua obra Raffestin (1993) procura deixar claro a diferença entre espaço e território, aproximando do primeiro a ideia de noção, algo que estaria mais próximo ao concreto, e o segundo à ideia de conceito, já que seria apenas um instrumento para entender a realidade, em suma, o território em sua visão pode ser entendido como resultado da ação de sujeitos em qualquer nível, trazendo as claras as relações marcadas pelo poder. O território seria então, apenas uma representação, um recorte do espaço, já que o último é anterior a sua formação. Em outro momento, o autor atenta para o fato que nenhuma representação é estável, pois um território é movido pelas relações de poder que nele se manifestam, desse modo é incabível pensar em algo imóvel, pois a sociedade e os atores “sintagmáticos” possuem estreita relação com a temporalidade, com a política, com a economia, com as facetas da sociedade como um todo.

A partir dessa exposição busca-se entender o espaço costeiro da Baía de Guanabara compreendendo que as intencionalidades dos atores dão origem a um processo que extrapola o limite do território e passa para uma esfera maior, a do espaço que é construída da articulação desses territórios.

Para a análise do circuito produtivo da pesca artesanal no contexto metropolitano onde está inserida a Baía de Guanabara, alguns conceitos como território usado, modernização e economia política são de grande valia, pois possibilitam a compreensão das relações entre os sujeitos hegemônicos e os “invisíveis”.

O território usado, segundo Milton Santos, seria o modo de analisar a realidade social total a partir de sua dinâmica territorial, ou seja, é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanas. É considerado ainda como espaço banal, espaço comum a todos os homens independente de sua força, é a dimensão do acontecer.

Segundo Gelsom Rozentino Almeida, a modernização está presente no capitalismo desde o processo de consolidação deste com a Revolução Industrial, sendo diretamente relacionado com o processo material. Não alterando a estrutura de desigualdade econômica e social.

O circuito produtivo enquanto referente à maneira como se dá a circulação dos fluxos no espaço, não é difícil relacionar que a pesca artesanal se encontra inserida no circuito produtivo inferior, aquele que se caracteriza por demandar muita mão de obra e pouca tecnologia ou infraestrutura, isso é intensificado quando se vê essa atividade como apenas uma atividade econômica, negando a identidade do pescador como um produtor de saberes, dotado de uma cultura própria e um modo de vida particular.

A problematização ocorre entorno da importância da manutenção desse modo de viver em contra ponto aos projetos públicos e privados que seguem o ideal de modernização, que antes mesmo de ter uma estrutura física já geram conflitos e negam a existência do território pesqueiro e a história dos lugares socialmente construída, tratando estas como rugosidades (SANTOS, 1996), impondo barreiras físicas e ideológicas para limitar a circulação tanto do sujeito pescador artesanal, como de sua fonte de renda, impedindo dessa forma a transposição da pesca artesanal dessa caracterização de circuito inferior da economia, ficando esse fato mais evidente nas grandes metrópoles brasileiras, visto que é o local mais representativo quando se fala da articulação entre ações e objetos, sujeitos e materialidade.

As metrópoles refletem o contexto social, econômico, político e a história social do país, sendo fruto da urbanização e da industrialização, criando e recriando a vida coletiva cotidiana. Cabe entender a metrópole como uma representação da territorialidade visto que possui estreitamento com a memória e o pertencimento, adquirindo dessa forma uma nova conotação de território além daquela apresentada por Ratzel (1882).

A pesca artesanal enquanto atividade que depende do território vem sofrendo as consequências da acelerada expansão industrial e da consequente modernização urbana regulada pela lógica dos impulsos globais e pela racionalidade técnica que nega qualquer outra forma de racionalidade.



Atracadouro da comunidade / localidade de pesca artesanal do Porto Velho. Fonte:  
Grupo de Pesquisa Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas (08/2011)

### **Modernização da indústria petroquímica na Baía de Guanabara**

A indústria petroquímica tem destaque, no Pós-Guerra quando o modelo fordista de produção consolida o modelo veicular de circulação – rodoviário e aeroviário – como matriz fundamental o uso da energia dos derivados de petróleo.

O circuito produtivo do petróleo é extremamente abrangente e impactante. Desde a extração até as petroquímicas, a ação no território é extensiva, transformando o espaço, desapropriando moradores, polui os rios e o ar, entre outros. Assim, pode-se observar que os impactos não ocorrem só quando há derramamento de óleo ou gases poluentes de um duto. Inicia-se desde a obra de construção e implantação da estrutura de produção e distribuição.

No Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, o setor petroquímico é o grande destaque da economia. Segundo a Revista Forbes (2012), das 33 empresas brasileiras incluídas na classificação anual das 2000 existentes e cadastradas no mundo, a Petrobras encontra-se no oitavo lugar entre as 10 maiores (Tabela 1). E tem a pretensão de ser a quinta (5ª) maior empresa do mundo.

Tabela 1 - Dez maiores empresas do mundo – Forbes Global - 2011

Posição mundial	Companhia	Indústria	Receita (bilhões \$)	Lucros (bilhões \$)	Ativos (bilhões \$)	Valor de mercado (bilhões \$)	Sede
8	Petrobras	Operações de gás e petróleo	208,3	15,04	149,98	295,60	Rio de Janeiro
49	Vale	Mineração	43,23	14,26	84,70	171,39	Rio de Janeiro
81	Banco Bradesco	Banco	36,12	4,11	192,65	59,80	Osasco, Grande São Paulo
101	Banco do Brasil	Banco	28,61	2,60	202,00	41,54	Brasília
103	Banco Itaú	Banco	28,97	2,05	167,06	28,22	São Paulo
203	Unibanco	Banco	15,29	1,94	84,04	27,37	São Paulo
322	Eletrobrás	Utilitários	9,20	0,54	56,62	18,08	Rio de Janeiro

514	Usiminas	Materiais	5,82	1,18	8,63	19,14	Belo Horizonte
519	Oi	Serviços de telecomunicações	7,90	0,61	12,36	11,69	Rio de Janeiro
606	Gerdau	Aço	11,03	0,63	12,39	8,13	Porto Alegre

Fonte: Revista Forbes, 2011. <http://www.forbes.com/global2000/>

A produção e o consumo do petróleo no Brasil encontram-se hoje concretizados e hegemônicos. Entretanto, com os avanços tecnológicos nacionais e a descoberta de novas reservas, o pré-sal, esta matriz energética está longe de perder a predominância no cenário mundial.

Nas últimas duas décadas, 2000 e 2010, para os pescadores artesanais e moradores que vivem próximo ou na Baía de Guanabara tem sido de grande transtorno. Devido à ocorrência de proibições nos períodos das obras do Terminal GLP (2007-2008), e hoje vem sofrendo com remoções e proibições na região do COMPERJ. Desde o derramamento de 2000 e a poluição, está reduzindo o número de pescados, o que faz com que a área próxima a Ponte Rio – Niterói seja de grande atração por ser mais limpa, sendo encontrada uma maior quantidade de pescados, entretanto, é área de passagem de navios para o porto do Rio de Janeiro e para o Terminal GLP. Assim, são áreas proibidas a navegação e a pesca artesanal.

### **Modernização e impactos**

Os impactos iniciam desde a obra de construção e de implementação da estrutura produtiva e distributiva, como foi dito anteriormente. Devido aos moradores serem retirados da área de atuação, os pontos turísticos são destruídos, moradores são retirados de suas casas, entre outros. Muitas vezes, essas pessoas não são reembolsadas pelo seu

Eixo Temático 2 – Litoral Urbano: apropriação, usos e conflitos

prejuízo. O derramamento de óleo e vazamento de gás dos dutos são os maiores impactos que podem ocorrer.

O vazamento de óleo na Baía de Guanabara aconteceu em janeiro de 2000, em virtude de um problema originado em uma das tubulações da Refinaria Duque de Caxias (Reduc). A mancha de óleo se estendeu por mais de 50 quilômetros quadrados, atingindo o manguezal da APA de Guapimirim, praias que são banhadas pela Baía de Guanabara, inúmeras espécies da fauna e flora, além dos danos de ordem social e econômica a população local. Muitos pescadores foram obrigados a sair desta área, e alguns ficaram sem receber a indenização que deveriam ter recebido. Além da inviabilização do turismo pela poluição do ambiente.

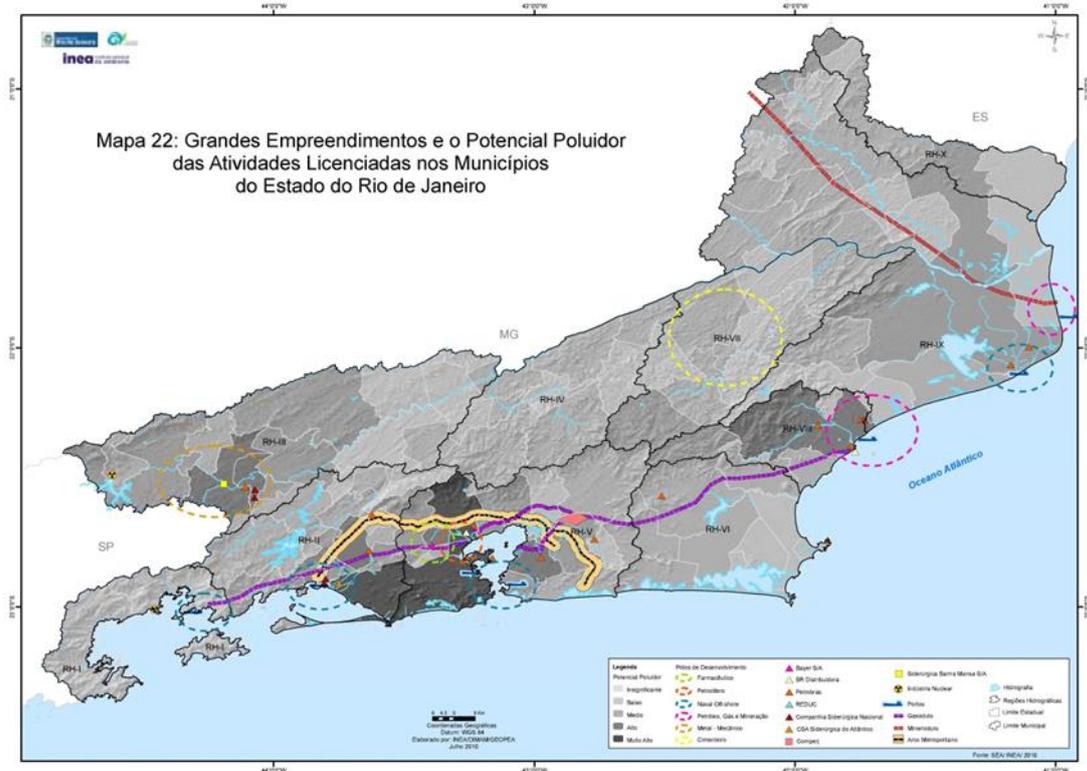
A criação do terminal de gás liquefeito é destinada ao transporte de gás, possui trechos submarinos que partem das proximidades da Praia de Mauá seguindo paralelamente sob as águas da Baía de Guanabara, pelas Ilhas Redonda e Comprida, atingindo, portanto, o mesmo ambiente ecológico. O sistema de atracação dos navios ocorre em um píer e o GNL é transferido do navio supridor para o navio regaseificador. Com capacidade de regaseificação de 14 milhões m<sup>3</sup>/dia.

A Reduc - Refinaria Duque de Caxias - está ampliando sua planta de gás natural, construindo novas unidades para atender à demanda por gás natural na região Sudeste do Brasil.

O COMPERJ é a construção de um novo Complexo Petroquímico em Itaboraí. Caracteriza-se como um complexo industrial, onde serão produzidos derivados de petróleo e produtos petroquímicos de primeira e segunda geração.

Há também o conserto e construção de plataformas em meio a Baía de Guanabara. A UTC Engenharia atuou na maioria das plataformas nos campos de petróleo e gás no território brasileiro. A Base Operacional Offshore em Niterói, Rio de Janeiro, a Baía de Guanabara que sua área tem 112 mil m<sup>2</sup> de construção permitindo módulos e outros componentes simultaneamente.

Na imagem abaixo, pode-se observar as atividades que estão ocorrendo ao redor e na Baía de Guanabara.



O Estado do Ambiente - Indicadores Ambientais do Rio de Janeiro 2010 – INEA

## Perfil do pescador e da pesca na Baía de Guanabara

O modelo de desenvolvimento econômico do Estado do Rio de Janeiro é impulsionado ganhando novo fôlego e longe de ser substituído, pela constante busca e exploração de reservas de petróleo e gás natural e também pela construção de indústrias de base, somando-se a isso a expansão do setor imobiliário, o que dificulta o acesso ao mar.

A região da Baía de Guanabara destaca-se como uma importante região que apresenta um grande potencial hídrico, mineralógico, com vastos manguezais e rica vegetação típica de Mata Atlântica, que vêm sendo drasticamente afetados pela ação humana e por seus projetos.

Devido aos impactos sensivelmente observados na região, muitos pescadores se realocam em outras atividades econômicas, entre as funções mais comuns em que os pescadores artesanais que por algum motivo ficam impossibilitados de realizar a pesca, desempenham a função de caseiro de veranista, ou então se empregam numa traineira,

Eixo Temático 2 – Litoral Urbano: apropriação, usos e conflitos

ou acabam por fazer parte do crescente número de pescadores artesanais desempregados.



Pescador da Baía de Guanabara - Fonte: Grupo de Pesquisa Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas.

Na fala de DIEGUES (1999) a pesca artesanal é uma atividade peculiar, pois demanda conhecimentos adquiridos na prática, tal como o conhecimento da melhor área para pescar e o tipo de rede e malha para cada tipo de pescado, estando sujeito à instabilidades do mar e à restrições ambientais.

Na Baía de Guanabara existem restrições quanto ao uso de recursos hídricos em algumas áreas como, por exemplo, a bacia do rio Guaxindiba que deságua nessa localidade. Uma das restrições aos pescadores artesanais era o período do defeso, período de reprodução do pescado. Atualmente um dos empreendimentos localizados na região, o COMPERJ, buscou na justiça a liberação para poder escoar nessa bacia os materiais necessários para a finalização de sua construção, violando dessa forma o que está definido na APA da Guanabara.

Outra característica da pesca artesanal na Baía de Guanabara é que ela é desenvolvida principalmente com o uso de barcos a motor e barcos à remo chamados de “caico” (embarcações pequenas), que na maioria das vezes são confeccionado pelos pescadores com seus próprios recursos.

Do ponto de vista de sua estruturação, a pesca artesanal tem características diferenciadas de estrutura e de trabalho, tornando-se núcleos bastante dispersos. Tais núcleos (comunidades) constituem-se, geralmente, de pequenos aglomerados de pescadores que vivem difusos, principalmente, na área litorânea sem formarem, contudo, um centro de importância econômica regional, que facilitaria o escoamento da produção. Essas comunidades utilizam em sua maioria pequenos barcos alguns a remo que denominam de caíque e outros que preferem chamar de pequenos barcos a motores movidos a diesel ou gasolina que são de fácil manutenção e baixo custo. Em sua maioria a atividade artesanal se concentra na pesca da sardinha e do camarão, pois possuem um bom valor de mercado e consumidores certos. Mas também se encontram outros barcos especializados na pesca de arrasto (mas conhecidos como traineiras) que retiram do mar tipos de peixes tais como: tainhas, corvinotas, robalo, dourado, entre outros.

Apesar de qualquer dificuldade encontrada tais como precária infraestrutura – caminhão frigorífico, freezer para armazenamento do pescado e um local apropriado para a venda deste, a pesca artesanal mais que simplesmente uma atividade econômica, é um modo de vida que possui fortes laços culturais e identitários com a história dos lugares, fortalecido pela transmissão de saberes de geração a geração e pela interação entre os sujeitos das comunidades tradicionais pesqueiras.

### **Considerações finais**

A pesca artesanal trata de uma forma de trabalho e de economia primária que se remonta ao período colonial e se realiza por meio de circuito produtivo que envolve a atividade de produção de rede, da embarcação, técnica de pescar e de maricultura, além da venda a atacado e a varejo nos setores de comércio urbano.



**IIº SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
03 a 06 de junho de 2013

Eixo Temático 2 – Litoral Urbano: apropriação, usos e conflitos

Os trabalhadores vivem, em geral, em condições de muita pobreza devido à estrutura precária de sua economia e devido à deterioração das condições ambientais (poluição das águas das baías e dos rios causada pela industrialização e pela deficiência do saneamento básico) e à redução das áreas de pesca (embarque-desembarque), de navegação e as áreas tradicionais de comunidade de pescadores e de venda de pescado por causa da pressão de ocupação urbana e da modernização espacial feita pelos grandes empreendedores industriais e pelo crescimento de domicílios residenciais.

O presente trabalho tem como finalidade analisar a problemática da pesca artesanal na metrópole do Rio de Janeiro, averiguando a cadeia produtiva, a condição de trabalho do pescador artesanal na Baía de Guanabara, e os usos do espaço por diversos agentes averiguando a relação com a vida metropolitana.

Enfim, desta forma, pode-se observar que ninguém é contra o processo de modernização, e sim, a relação desta com os pescadores artesanais, que muitas vezes são excluídos. Devido a não haver a preocupação com a destruição da história dos lugares. Assim, a responsabilidade cultural é esquecida, podendo ser observado o lado negativo da modernização, desde o aumento da poluição química ao número de embarcações presentes.

### **Referências bibliográficas**

SILVA, Cátia Antonia. Economia política do território: Desafios para pensar a metrópole. In: Território e ação social: Sentidos da apropriação urbana. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

RAFFESTIN, Claude. Crítica da geografia política clássica. In: Por uma geografia do poder. Editora ática, 1993.

SANTOS, Milton. A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

RATZEL, Friedrich. Antropogeografia – fundamentos da aplicação da Geografia à História. 1882

O PAPEL ATIVO DA GEOGRAFIA: UM MANIFESTO - Apresentado pelo grupo Estudos Territoriais Brasileiros, do Laboplan (Laboratório de Geografia Política e



**IIº SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
03 a 06 de junho de 2013

Eixo Temático 2 – Litoral Urbano: apropriação, usos e conflitos

Planejamento Territorial e Ambiental) do Departamento de Geografia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) no XI Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, Brasil, Julho de 2000.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino. A cidade pacificada: modernização, controle e hegemonia. In: Catia Antonia da Silva (org.) Território e ação social: sentidos da apropriação urbana. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

<http://araucb.blogspot.com.br/2009/08/vazamento-de-oleo-na-baia-de-guanabara.html>

<http://fatosedados.blogspotpetrobras.com.br/2011/03/01/implantacao-de-terminal-de-regaseificacao-de-gnl-da-bahia/>

<http://www.comperj.com.br/Apresentacao.aspx>

<http://www.pontosbr.com/reduc-refinaria-duque-de-caxias-duque-de-caxias-rj-3917.html>

<http://www.utc.com.br/esp/atuacao.php?c=9&s=18>